

SULTANA

DIRECTOR
CASIMIRO BRITES
FIGUEIREDO

ANNO I * NUM. 6
* JUNDIAHY, 24 DE
FEVEREIRO DE 1929 *



Predio da Associação dos
Empregados no Commer-
cio, onde está installada sua
sede.



REVISTA MENSAL LITERARIA,

CRITICA, HUMORISTICA E

ILLUSTRADA



“ SULTANA ”

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE

Expediente

Assignatura annual: 12\$000

Numero avulso : 1\$200

Numero atrasado : 2\$00

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao Director, snr. Casimiro Brites Figueiredo e endereçada á Avenida Dr. Cavalcanti n. 84 — Jundiahy.

Publicaremos gratuitamente e photographias, instantaneos, « charges », caricaturas etc. enviadas por nossos amigos e assignantes. Daremos sempre preferencia a assumptos que se refiram á vida de nossa terra.

Acceitamos collaborações, mas não publicaremos artigos politicos, polemicas, criticas ferinas etc. Não nos responsabilizamos pelas ideas expedidas pelos colaboradores.

Não devolvemos os originaes, mesmo quando não publicados.

Todo e qualquer assumpto que se relacione com «Sultana» deverá ser tratado com o Director

Este numero contem 40 paginas

Photographia Ideal

de

Alexandre Janczur



Com casa especial de molduras para quadros, espelhos, vidros porta-retratos de crystal, santos em alto relevo, estatuetas e estampas.

Camara escura para amadores

Machinas photographicas, films, chapas, reveladores, etc.

Rua do Rosario, 30

Telephone, 386

JUNDIAHY

UMA DO...

ANTONINHO

O Antonio Raymundo de Oliveira, é um optimo e intelligente rapaz. Jornalista nas horas vagas. Bella alma. Nem sei como naquele corpo magro, cabe uma alma tão grande!... O Antoninho como todo jornalista que se presa, tem as suas manias e as suas predilecções. Uma das suas principaes manias é dar uma prosinha com o Vadô. E uma de suas maiores predilecções é saborear um chopp. Adora os "duplos" da Brahma.

Mas, como todo o bom mortal, um dia destes, o nosso amigo teve a má idea de ficar doente. Precisava de descanso e por isso fez uma estação de dieta em Leopoldopolis. Apos o diagnostico e mesmo depois de ter abandonado o leite, o seu medico assistente impoz-lhe a abstenção absoluta de bebidas geladas e alcoolicas. E por isso a muitos dias que o Antoninho anda "secco" por um "duplinho".

Já se sente bom e bem disposto, mas inutilmente tem pedido ao Dr. Ferraz permissão para tomar um chopp. Nem um calice e muito menos um copo.

E' talvez porisso que o Antoninho, de vez em quando tem um gesto de protesto. Não obstante ter se levantado ha algumas semanas, elle ainda não estava bom. Foi pelo menos o que deduzi de uma prosa que tive com elle. Foi assim:

— Você como vai Antoninho? Já sarou completamente?

— Qual! Vou indo aqui ainda meio ruinzinho. Ainda não estou bom.

— Mas ha tanto tempo que voce se levantou e parece mesmo estar mais forte que antes de ficar doente!...

— E'. Mas ainda não estou como quero. Estou melhorzinho.

— Mas porque è que você diz que está melhorzinho e não diz que está bom?

— Enquanto eu não puder tomar um "duplo" eu estou melhorzinho; mas depois de tomalo então estarei bom, bonissimo. Tudo depende do chopp...

E com um suspiro fundo:

— ... mas o Dr. Ferraz não deixa!...

SULTÃO

Casa Lima

com

Armazem de Seccos e Molhados finos, Louças, Ferragens, etc.

J. Lima & Cia.

Rua Vigario J. J. Rodrigues, 28

Phone. 112

Entrega a domicilio

JUNDIAHY

Quem experimentar



Nunca mais usará outro purgante

a venda em todas as pharmacias

Secção Feminina

POSTAL

AO Tte. PORPHARIO

Assim como as aves libram-se no espaço, procurando no além sem fim desferir seus gorgeios, assim também tu te libras nos ceus da phantasia, procurando captar com teu espirito sonhador e tuas palavras de amor, a sympathia que se evola dos rostos femininos. E' porem, tempo de deixar os devaneios pela realidade. Como bom militar que és, por certo que já te acostumaste a dura disciplina que rege o nosso glorioso Exercito. E para bem comprehenderes essa disciplina, é preciso porem, que te habitues a ter além de teu commandante, a "tua" commandante. Essa commandante que dá ordens com um sorriso nos labios e cujo bom desempenho é recompensado com a melhor das recompensas - o amor e o carinho feminino. Deixa que teu espirito, francamente amoroso te conduza ás regiões do amor e da felicidade. Procures entre as que adoras a tua eleita, realisando com ella o teu mais bem acalentado sonho de amor - a felicidade ao lado da mulher que amamos.

PEROLA PALLIDA

LAGRIMAS

Lgrimas . . . cahidas dos olhos lindos de uma virgem sonhadora, são como o balsamo benéfico que sana a ferida, aberta no coração de alguém por esses mesmos olhos.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos de uma mãe feliz, são como um hymno de hosanas levantado áquelle por quem ella soffreu um dia e por quem verteu um dia lagrimas de dor.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos de uma viuva, são como o lenitivo consolador, que traz á alma que chora o preciso com que sanar a dor que a viuvez abriu.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos tristes de uma monja, são como um adeus de Saudade, que o coração diz ao mundo de que veio, dentro do novo mundo em que vive.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos sonhadores de um poeta, são como a inspiração que aos borbotões lhe afflora á mente procreadora, dos maiores poemas da vida.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos innocentes de uma creança, são com o manto puro da innocen-

cia, que preservando-a do perigo faz com que se sinta muito feliz.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos de uma noiva, são como á despedida que ella diz ao passado e evocando a felicidade no futuro que se lhe apresenta florido e bello.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos de uma esposa amante, que chora a ausencia do esposo querido, são como a volatilisação de um perfume caro, entre as brumas da saudade.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos azues de uma mulher ciumenta, são como o acido corrosivo que destroe por onde passa, deixando aberto o sulco do desespero.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos de uma morena ideal, são como um sonho de Volupia, por entre as alfombras macias, á sonhar com languidez sonhos de amor.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos sem luz de um cego, são como uma constante prece a Deus para que lhe restitua aos olhos a luz precisa para admirar a criação divina.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos meigos de um peregrino, são como a despedida ao mundo que elle vem percorrendo ha muito e para o qual olha sempre com amor.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos risonhos de um palhaço, são como o protesto alegre que elle oppõem a immensa magua em que se afoga a tristeza que vive no coração.

Lgrimas . . . cahidas dos olhos revoltados de uma solteirona, são como a manifestação do desprezo que ella vota ao sexo oposto, que já antes lhe votou o desprezzo.

Marcus Vinicius



MEDALHÕES

Barbara Fagundes -- como os nomes enganam!

Julgal-a-ia sem compaixão, desprezando os corações humanos que pulsam intensamente almejando irmanar-se por indissolúvel affecto ao seu, porem uma pomba branca de azas espalmadas, branca e pura como a neve, esvoaça, esvoaça a embriagar-se no azul immenso dos céos desconhecidos. Barbara! Não é por certo este o nome que lhe convinha.

Luisa Jaroslowsky -- uma vela enfunada que vae ao sabor da brisa, ondulante, levando no convés uma particula do nosso proprio ser. A saudade que fica de alguém que nos acena de longe, um lenço branco, no triste e derradeiro adeus.

Ida Borin -- uma tela em que a mão excelsa do mestre cuidasse dos ultimos retoques no cambiamiento de cores e de sões. Tela que se esconde, perfeita e unica na inconcebida avareza de que outros olhos pousem nessa joia rara adulterando-lhe a primitiva belleza.

Ercilia Godoy -- quantas saudades guardamos, quando á noite, entre as paredes brancas da nossa alcova triste recordamos um pedaço de céu americano onde tambem scintilla o cruzeiro do sul, pequenina terra que nos serviu de berço. Alguem de cujos olhos trazemos ainda a sublime phosphorescencia na luz que deslumbrou os nossos sonhos. Jamais esquecerei a terra em que nascia.

Bebé Figueiredo -- dizem que Cupido fere impiedosamente o coração das mulheres... e dos homens. Estará certo isso? Eu nunca senti as pontas agudas e envenenadas das suas setas. Fujo para que ellas não me firam Sofre-se tanto em amar!

Mario Bocchino -- um raio vivissimo de só a penetrar na choupana de um coração triste e sosinho, procurando tornal-o feliz, cheio de luz, como se nelle installasse o palacio dourado dos seus encantamentos.

Oswaldo Saccheto -- quem lê pensa e quem pensa não corre atraz, das futilidades do amor. Eis a sua

theoria. Entre os livros e as mulheres são preferíveis os primeiros. Em as suas paginas existe algo de delicia espiritual. A leitura dos livros... não sendo em idiomas diferentes do nosso é comprehensivel. E as mulheres, por mais que se procure estudal-as, jamais conseguiremos comprehendel-as.

Reynaldo Bulisani — a mariposa tanto esvoaça doidamente em torno das chamas avermelhadas, embriagada de luz que fatalmente acaba por queimar as azas, cahindo desfallecida. Como a mariposa que esvoaça em torno da luz de uns olhos grandes e mysteriosos, é hoje preso á essa mesma luz e vive como Vestal para alimentar-a eternamente, embalado por suaves melodias, lindos psalmes de amor.

Alberto R. Oliveira — um pouco de volubidade aprisionada em um frasco de cristal e que se vae soltando aos poucos. Lança as suas rêdes aos peixinhos incautos que encontra. Uns caem prisioneiros, mas são tão grandes as malhas da rêde que as mais das vezes conseguem escapar deixando triste o pobre pescador. Chamam-no o "Bello sem coração" pois que tantas vezes tem-no offerecido ás suas amiguinhas que é bem possível nada ter para si.

Lauro Ferraz — Em meio dos acidos que diariamente phosphoreiam ante os meus olhos absorvos eu hei de encontrar a pedra philosophal que tanto tenho procurado. E dizer-se que ella se encontra muito perto. no corpo divinizado de uma mulher linda como uma noite enluarada, sob a

mystica forma de um coração. Si fosse só apanhal-o!

LAGRIMA OCCULTA

COOPERATIVA DO POVO

de

Salvador Jaroslavsky

Moveis de todo os estylos. Completo sortimento de tapetes, oleados e passadeiras das afamadas marcas *Coagoleum e Linoleum*. Confecção de casacos para senhoras, capas e roupas para homens. A casa mais sortida no genero!

PREÇOS OS MAIS BARATOS!

Facilitase o pagamento

Rua Barão de Jundiáhy, 77

Perguntas Indiscretas

Sentir-se-á o Eugenio L. mais feliz por ter a deusa ideal dos seus sonhos voltado á terra ou sentirá ainda a pungir-lhe a alma a saudade de uma felicidade que se desfez vaporosa?

Na alma bohemia do Romeu A., não residirá ainda um resto de recordação de uma epocha que elle julgou ditosa e da qual o tempo vem lentamente fazendo esmaecer a lembrança?

Porque o Jorge C., o eterno adorador da musica e do bello, não realisa por entre doces harmonias musicas e radiosas manifestações de belleza, a felicidade de seu hymeneu?

Extravasará o F. Alves J., nas suas composições poeticas, o fel amargo que a recordação de alguem parece ter deixado em seu coração, ou traduz apenas aquillo que quer e não o que sente?

Ter-se-á o Plinio B., deixado prender nas artificiosas redes do amor do qual era ardente adversario, ou tenta apenas enganar o coração, illudindo-o com promessas de doce amor?

Não perturbará as vezes a mente sonhadora de J. B. Figueiredo F., o desejo de que o tempo volte a sua ampulheta, fazendo reviver aquella epocha em que o seu coração pulsava por uma loura linda?

Não sentir-se-á a Odila C., orgulhosa pela plena e pujante manifestação de sympathia em que os seus muitos admiradores a fazem sobresahir dentre a modestia recatada do seu viver?

Guardará a Nensinha P., alguma grata lembrança da terra muito sua, onde acaba de reviver os seus primeiros dias, por entre as suas primeiras e mais puras amizades?

Porque a Guaraciaba O., tem se tornado avara, guardando ciosamente o seu bello sorriso, o mais

bello sorriso jundiáhyense, que tanta alegria e vida empresta ao seu rosto de deusa?

Teria a Aurea M., realizado o seu sonho encantado de princeza ideal, sonhado quando seus dedos divinaes corriam por sobre o teclado de um piano, e que consistia em um principe louro?

Não sentirá a Ondina P., de vez em quando reavivar no coração, a chamma de um amor que ha muito finalisou, mas cujas cinzas parece ainda conservar um resto de calor, animando o coração?

Ida B., não sentir-se-á as vezes tão só, na extranha solidão a que se votou e que parece não lhe ser agradável, sentindo a falta de alguem que lhe ciciava aos ouvidos palavras sinceras de bem querer?

MEXERIQUEIRA

Lição de Tradução Franceza.

— o —

— Joaquim, como se traduz: Le ne sais pais?

— Não sei.

— Então, vae sentar-te, com o teu livro, n'aquella cadeira. e fica ahí sentado até o saberes.

A belleza sem cultura è um anzol que atrahê os corações, mas não os detem.

LEI A M SULTANA

MARÇO

Março foi o primeiro mez do calendario dos romanos primitivos, assim como tambem de alguns povos da antiguidade. Março, tirou o seu nome de Marte, o olympico deus da guerra, mas embora isso, os romanos consagraram-no a Mercurio.

A Igreja commemora, neste mez, este anno, a Semana Santa. Festa do ritual liturgico, a Semana Santa, como é de dominio publico representa a Paixão e Morte de Christo, o Redemptor. É a mais bella commemoração do mez. A alma do povo verdadeiramente christão, acompanha entristecida todas as cerimoniaes. Desde o domingo da paixão até parte do sabbado da Alleluia, quando então Christo ressuscitando faz de novo voltar a alegria ao coração amantissimo e piedoso dos que abraçaram a sua doutrina. No domingo da Ressurreição, então, o povo catholico, vibra unisono, cantando seus hymnos de louvor Aquelle que nasceu, soffreu e morreu para salvar o genero humano.

A Quaresma, que precede a Semana Santa, dura quasi que todo o mez de Março, este anno. Pertence tambem á liturgia christã. É o periodo do regimen obrigatorio do bacalhau; é o periodo dos jejuns.

É assim Março se esvahe, sem uma outra data a profanar a commemoração da Semana Santa. E com o ser o mez da Quaresma, nem casamentos se realisam.

Os que gozaram em Fevereiro, o Carnaval, cumprem a dura penitencia de passarem quarenta dias a pagar os peccados com o jejum que a Igreja lhes impõem e como é regra quasi que geral, os innocentes pagarem pelos peccadores, os que não prestaram vassalagem a Momio, tambem fazem o seu beneficio, jejuando durante a Quaresma.

Quaresma! Semana Santa!

Eis Março! Eis tudo!

LICINIO VALDEZ

MEU VIOLINO

A' Senhorita LYDIA DE OLIVEIRA

Meu violino, é o meu companheiro inseparavel e consolador. É nos seus accordes maviosos que eu encontro lenitivo para a extranha angustia em que se debate o meu espirito sentimental. Nos meus poucos momentos de alegria minhas mãos se crispam sobre suas cordas, arrancando de sua alma harmonias vibrateis de sons alegres. Mas com a mesma crispção de mãos, sobre as mesmas cordas, nos momentos de dor, de hypocondria, o meu violino extertociza em harmonias plangentes de sons tristes. É a minha alma a rir, é a minha alma a chorar. Meu grande confidente, é a elle que eu digo os meus males e as minhas alegrias. Dizem que o violino falla, tem alma. Eu o creio. Eu fallo com o meu, digo-lhe o que sinto e elle nos sons que minhas mãos brutaes arrancam de seu arcabouço de madeira, elle responde, elle me anima, elle me estimula. O meu violino, é a minha propria alma. A inspiração nasce do coração, nasce da alma, mas sempre ha alguém a inspirar e esse alguém para mim é o meu violino, esse violino velho, carcomido, deslustroso, mas que expande em arcadas magistraes o sentir de quem o vibra. E assim eu julgo que a minha alma vive no violino, que o meu violino é a minha propria alma. E vou lentamente, extravazando na sonoridade de suas cordas, vibradas pelas minhas mãos brutaes, o sentimento em que se debate o meu espirito sentimental. E o seu delicado arcabouço de madeira, guarda avaro todas as minhas confidenciaes . . . todas . . . todas . . .

Meu violino . . . como eu te amo . . .

IVAN, o violinista

FOLHAS SOLTAS

Os loucos, verdadeiramente loucos, chamam os que não são de loucos, porque não o conhecem o verdadeiro estado do seu espirito. O grau de loucura é como o da febre, que quanto mais elevada, mais alimenta o organismo.

Nós censuramos o carrancismo de nossos antepassados, esquecidos de que elles viveram em uma epocha em que não existia cinemas, jazz, e fox trots, nem a educação moderna baseada n'uma liberalidade de costumes que toca ao excesso da tolerancia.

Muitos homens censuram os actos alheios, porem, nunca terão coragem de confessar os seus.

Deus, que é a Suprema Justiça, será o unico julgador das accões humanas, praticadas com nobre intenção e para evitar maior desgraça.

O cego, por ser cego, não deixa de sentir os effeitos das bellezas do mundo e tanto assim que tambem sabe cantar os prodigios da Natureza.

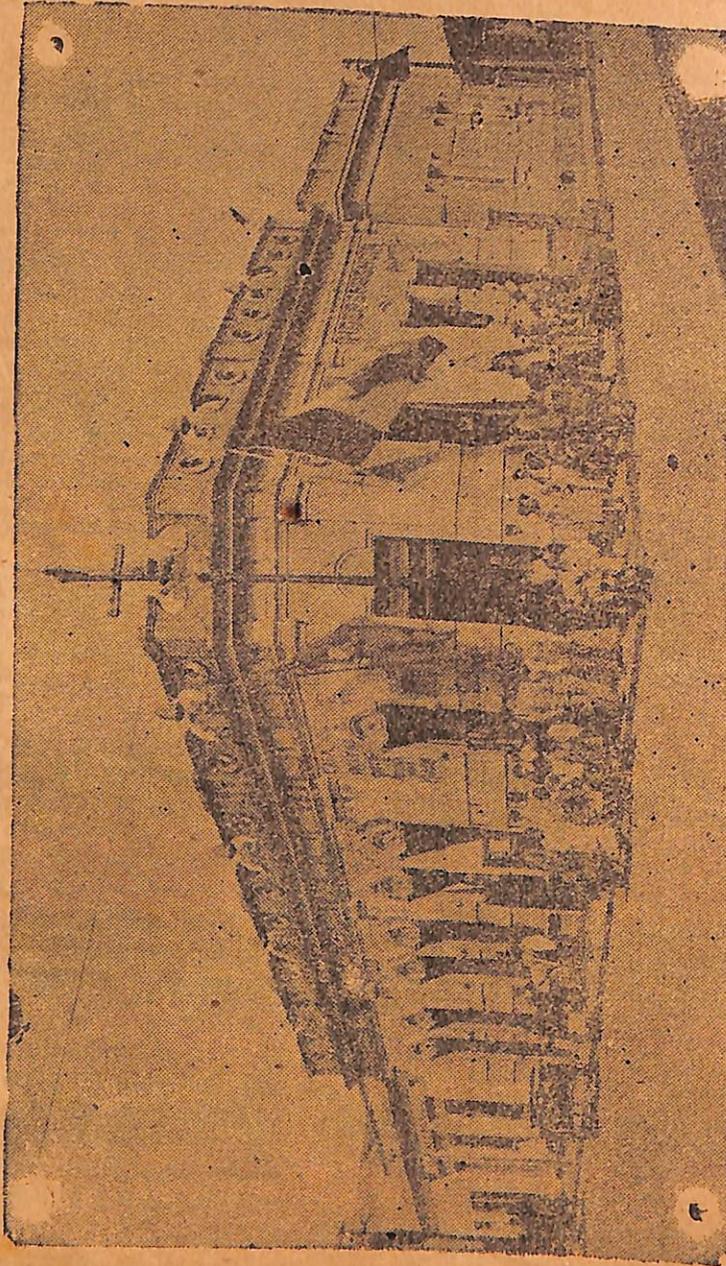
Todo o homem tem uma paixão, porque sem paixão o estimulo fenece como o lume da lamparina desprovida de azeite. O que alimenta a vida é o desejo pela conquista da paixão que absorve a alma.

ROSA DO PRADO

CASA INDEPENDENCIA

A RAINHA DO PANNO

Completo sortimento de artigos para homens, artigos finos para presentes.
CHAPEOS RAMENZONI



Rua Barão, 97 — Praça Independencia, 24 -- Phone, 75 : : Predio proprio.

SULTANA

REVISTA MENSAL. LITERARIA.

:: CRITICA, HUMORISTICA E ::

:: : : ILLUSTRADA : : : :

DIRECTOR : C. SIMIRO BRITES FIGUEIREDO

ANNO I * JUNDIAHY, 24 DE FEVEREIRO DE 1929 * NUM. 6



Carnaval

Bandos de mascarados passam a dizer galhofas, com um riso escarninho a viver nos olhos, por detraz da mascara. Confettis atirados ás mãos cheias, atapetam o chão. dando á rua aspectos polychromaticos de jardins. No ambiente, ondas de perfumes diversos, embriagadores, dão a impressão de que a cidade é uma vasta perfumaria. Serpentinhas multicores rasgam o espaço. Alaridos infindos reboam por toda a parte. Momo impera.
E' o Carnaval.

CINZAS

Rostos afadigados, onde profundamente gravados, signaes de alquebramento. Olhos sem brilho, denotando vigalias seguidas; corpos quasi sem forças para se manterem — procuram a Casa de Deus, pedindo perdão pelas faltas commettidas e jurando arrependimentos. Entram. Voltam trazendo o signal do perdão. CINZAS.

QUARESMA

Jejuns prolongados, são como que as penas impostas aos foliões que juraram arrependimento. E' o corolario da folia. E' a confirmação do castigo — QUARESMA.

Rex.

OS ZULEJOS

Evohé! Evohé!

Deixem os lictores abrir alas entre a multidão para dar passagem ao carro triumphal em o qual se assenta como se fôra um throno S. M. o rei da Folia. Vêde-o como vem sorridente. Repareis bem nas suas vestes. Ouro e purpura, pedrarias finas que scintillam ao sôl. Tudo paganismo, loucura de alguns momentos. Nas ruas, moças e rapazes se empenham doidamente em batalhas de lança-perfumes. As serpentinas crusam-se nos ares e os confettis caem como chuva de ouro. E' a mocidade que se expande vitalisada, em um sangue novo. Dir-se-hia em um outro mundo isento de todas as miserias que a este se agrilhoam, um paraíso, emfim onde o tempo se decorresse entre folgedos e perfumes. Mas a ampulheta tão tardia e rapida ao mesmo tempo, somente trez dias reserva para essa festa pagã. Como se a vida toda não fosse um Carnaval eterno. Ha seres que se mascaram naturalmente os restantes dias do anno para apparecerem sem mascarar nos dias em que Momo impéra. E' da vida. Nada existe sem contraste. Quando a festa passa, ha seres famintos que recolhem restos de serpentina, adquirindo com esse trabalho migalhas de pão para matar a sua fome. E porque ao envez de tanto desperdicio nesses dias de loucura não se reservar do orçamento feito uma pequenina parcel-la a bem de muitos desgraçados? Méra utopia de incultos visionarios daquelles que muito bem comprehendem o sentido daquillo que se esma sem algoz. Talvez ambos fantasiados, nesses momentos de prazeres e de miserias, deem as mãos como amigos intimos, muito embora seja bem diferente a amizade contida no intimo de cada um. O que é o Carnaval senão a occasião opportuna de cada um cobrirse com a mascara do anonymato que melhor lhe convem?

E afinal de contas, você me conhece?

Sergio 3

AS ENCHENTES

As chuvas que tem incessantemente cahido sobre Jundiahy, ocasionando prejuizos de grande monta, fizeram com que os nossos rios se enchessem e uma avalanche de agua se precipitasse pelas partes baixas da cidade, enchendo de agua as habitações e de temor os seus habitantes.

Os rios alargando seus leitos procuraram dar vasão ao excesso d'agua extravasando-se pelas zonas ribeirinhas.

E ainda uma vez atravessámos horas de angustia e temor.



Trapos de hontem . . .

(Inedito para "Sultana")

"...Nessun maggior dolor
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria..."

Desde creança, quando a illusão
Acha guarida em nosso coração
Eu já senti a dor . . .
Então chorei as lagrimas doridas
Pela morte das flores mais queridas
Do meu Jardim de Amor . . .

Depois, ás tontas, pela viella errante
Da orphandade cruel e lancinante
Eu puz me a caminhar.
O rude inverno me augmentava as dores
E a primavera rebentava as flores
Bem longe do meu lar . . .

E que de vezes no anno fugitivo
Eu procurei debalde um lenitivo
Pr'o meu triste viver! . . .
Pois, si a pobreza material e nada
Que vale áquella d'alma esfarrapada?
Ah! é melhor morrer! . . .

Mas, entretanto, eu preferi a vida
Embora latejante qual ferida
Do peito de Jesus . . .
Porque soffrer có a alma esperançosa
E' amar a imagem santa e poderosa
De Quem morreu na Cruz! . . .

PERFIS

I. P.

Corre nas veias da minha perfilada de hoje itálico sangue. Mignon, leve e delicada, como geralmente o são todas as que constaram nesta pagina. Seus cabellos negros, cortados, emolduram um rosto de traços finos. Sob as arcadas das sobancelhas, dois olhos negros, fulguram dando maior belleza e maior energia ao seu rosto divinal. Tem um olhar tristonho e retrahido, mas que tem tanta meiguice, tanta ternura, como só podem ter as eleitas de Deus. Alliaz, ella é christã devota, pratica. Não perde a missa das dez horas na Igreja Matriz. Tem para aquelles que gozam de suas relações, um cumprimento attencioso, que, sem ser alegre, é todavia muito gentil. Convive com largo circulo de amiguinhos, onde se fez querida e estimada, pelas bellas qualidades mraes que lhe exornam o coração. Gosta immensamente dos trabalhos de agulha. E' assim alumna assidua e dedicada de uma das nossas mais competentes mestre de costura. Reside na nossa principal rua. A bondade que irradia de seus olhos ha de provir da fonte fecunda do seu coração. Gosta bastante de dar o seu passeiosinho ao redor das alas do nosso jardim principal. Ao cahir da tarde, ella e mais algumas amiguinhas, alli vão respirar a pureza e a amenidade propria dos jardins. A esse grupo não tarda juntar um rapaz, magro, de maneiras gentis. E' o seu predilecto. E' aquelle por quem o seu coração pulsa com mais vivacidade e vigor. E, aquelle que constituiu em seus sonhos da infancia o idealizado principe encantado. E elle parece tambem sentir o mesmo que ella. Trabalha elle em uma das nossas lojas de fazendas do centro, ponto obrigatorio da passagem della. Elle que bem sabe as horas em que ella passa, está sempre firme á porta e elle, pontual nunca o deixa esperar em vão. E já que são quasi noivos, não tardarão em ver realisados os seus sonhos de amor.

M. J. M.

Vindo de outras plagas, apor-
tou um dia a Jundiahy, o meu perfila-
do. Trazia a alma cheia de illusões
e um coração cheio de esperanças.
Seu corpo esguio e delicado, a man-
ter uma linha inpecavel no andar,
é como que o reflexo de sua prop-
ria alma delicada e sonhadora. Em
plena primavera da vida, os annos
ainda não lhe pesam sobre os hom-
bros. Mora na parte nova da cida-
de em Rua que lembra uma das
datas mais queridas á nossa alma
de brasileiras. Trabalha, parece que
por pouco tempo mais, em uria im-
portante casa commercial brasilei-
ra, onde pela lhaneza do trato, con-
seguiu tornar-se querido da grande
clientela. Mettido sempre em rou-
pas escuras, passeia constantemente
em companhia de seus irmãos.
Socio de umas de nossas mais sym-
pathicas Associações, é frequenta-
dor assiduo de sua sede e mais ain-
da de seus bailes. E' bailarino eme-
rito e como tal grangeou nome a-
qui em nossa terra. Dança em qua-
si todos os nossos salões e é sem-
pre procurado pelas adoradoras da
divina arte de Terpsychore. Seu co-
ração passeiou, bohemio por muitos
corações femininos, sem porem, dei-
xar raizes. Procurava por certo a
deusa ideal de seus sonhos. Procu-
rou por muito tempo, ao que pare-
ce sempre em vão. Mas como não
ha mal que sempre dure, elle pare-
ce ter agora encontrado aquella
que julgou digna de seu amor. Mo-
ra ella na rua que tem por patrono
um dos grandes nomes da nobreza
jundiahyense e trabalha em um a-
telier de costura, nas proximidades
de onde tambem elle trabalha. Elle
parece nadar em um mar de felici-
dade quando a tardinha passeia em
companhia della por entre os can-
teiros olentes de roseiras em flor. I-
lluminado pela luz dos olhos della
elle parece em viver em um mundo
distante. Nos seus sonhos de noivo
ideal e feliz, sonha sempre com a-
quella que o ha de fazer feliz. E' es-
se pelo menos o que supõem aquel-
les que com elle convivem e tratam.

ADÃO

EVA

SULTANA E OS GAROTOS

A FAÇANHA DO "VILLA DEL SALTO"

Gustavo Barroso

"A Guerra do Flores"

Mudando a orientação que até o numero de janeiro vinhamos adoptando, publicaremos d'oravante, nesta secção contos patrios, contribuindo assim, para desenvolver no intimo da creança brasileira o amor por aquillo que mais de perto falla ao nosso coração — A Historia do Brasil.

A Redacção

Sete de Setembro. Commemorava-se na Jequitinhonha, ancorada em frente ao saladero Paisandú, a uns quinze kilometros dessa cidade, a grande data nacional brasileira. Onavio embandeirára em arco e o rancho das praças fôra melhorado. Soltaram-se os marujos presos por penas disciplinares e afrouxaram-se os serviços de faxina. Reinava grande alegria a bordo. A corneta acabava de tocar annunciando o jantar, durante o qual um guarda marinha devia fa-



Therezinha a galante filhinha do Sr. Lazaro Figueiredo e de sua Exma. Esposa d. Regina Figueiredo, residentes em Presidente Bernardes.

zer á marinagem uma pratica sobre o grito do Ypiranga.

Estava, portanto, o convés quasi deserto, quando um dos vigias gritou:

— "O Villa del Salto", pela prôa!

O official de quarto subio ao tombadilho e examinou com o oculo o barco uruguayo que descia o rio. Vinha engalanado com tres grandes bandeiras orientaes, uma á ré, as outras nos tópes dos mastros. A tripulação derramava-se pelas enxarcias, em reboliço. Estranhou aquil-

lo e mandou preparar o rodizio e as bandeiras de signaes para fazê-lo deter-se.

Além de tangido pela correnteza, o "Villa del Salto" forçava o vapor, de maneira que trazia grande velocidade. Mal se executavam as ordens do official, elle despejava sobre o convés despovoado da "Jequitinhonha", passando-lhe ao lado, uma nutrida descarga de fusilaria.

Tumulto e atropelo de surpresa no vaso de guerra brasileiro. Depois, cada qual no seu posto e o commandante Ferreira no passadiço. Roncou a artilharia, mas o vapor ia com muita pressa e as balas feriram tão somente as aguas enrugadas do rio.

Ao entrar no porto de Paysandú, a soldadesca de Leandro Gomez, estendida no cáes da alfandega e na suas proximidades, berrava loucamente brandindo armas:

- "Viva la Republica!"
- "Mueran los macacos!"
- "Vivan Berro y Aguirre!"
- "Mueran los esclavos del emperador!"
- "Mueran los negros!"
- "Mueran el Brasil!"

Substituto de Pereira Pinto no commando da Jequitinhonha o primeiro tenente Antonio Ferreira de Oliveira, livido de raiva, rangia os dentes. Era o famoso Ferreirinha. Não supportava gringos. Cntavam delle varias anedotas sobre tal ogerisa, entre as quaes esta:

Quando chegára á primeira vez a Montevideo, salvára a terra com os tiros de peça da ordenança, mas como se tratava de paiz de gringos dera os com o pequeno rodizio. A gente da cidade sentira isso e, na manhã seguinte, elle leu esta noticia debochativa nos jornaes "El buque brasileño llegado ayer saludó la tierra con veintun pistoletazos!" Franzio a testa, furioso, mandou levantar ferros e saio do porto. No outro dia, voltou, ancorou o mais perto que pode da praia e salvou com vinte e uma descarga de toda a sua artilharia. Dizem que não ficára na capital uruguaia uma vidraça inteira.

Lendo, gostosamente, no mesmo periodico que o molestára com os "pistoletazos" esta local: "El buque brasileño llegado ayer saludo la tierra con veintün tiros de cañon!" resmungava:

— Aprendêram, gringos, a respeitar a artilharia dos macacos?!...

Meia hora mais e as caldeiras da Jequitinhonha trepidavam. A canhoneira imperial movia-se para ir vêr de perto o Villa del Salto, porém este não esperou a visita. Sua tripulação o atirou para a barranca do rio, nas cercanias do porto varou-o em terra, saltou mais que depressa, levando o que pode, e tocou-lhe fogo.

Entardecia. As chammas dansavam, doidamente enoveladas, no ar. Densos rolos de

de fumarada escura, oleosa, custosamente se erguiam para o ceo. As vezes, um sopro mais forte da brisa se estendia sobre as aguas quietas como um grosso, pesado, feio nevoeiro.

Dahi a pouco, chegavam perto da Jequetinhonha, que se approximára o mais possivel de terra, a Belmonte com o pavilhão de chefe, de Pereira Pinto, e a Araguaí. E ostres barcos lançavam ferros no porto de Paisandú.

A gente gritadora de Leandro Gomez já se não mostrava nas praias.

Havia dois dias, o chefe interino da esquadra subira o rio com os dois barcos até a cidade de Salto, afim de intimar seu commandante, o Coronel Palomeque, a desarmar o vapor que tinha o nome da mesma e cujo commandante, um tal Ribeiro, era dos nossos peores inimigos. Leandro Gomez recusára-se antes a executar esse desarmamento e o navio escapára-se Urugai acima. Mas não estava alli. Escondêra-se no porto argentino de Concordia. Pereira Pinto regressou.

Quando a Belmonte e a Araguaí desciam o rio, embandeiradas por ser Sete de Setembro e de fogos abafados para aproveitar a corrente e economizar combustivel, appareceu-lhes pela popa o Villa del Salto, que forçava as machinas navegando rente á costa argentina. Enfeitado com grandes bandeiras orientaes, trazia ma-

rinagem nas vergas e enxarcias, agitando sabres e machadinhas de abordagem, uivando injurias:

— “Mueran los macacos!”

— “Mueran los negros esclavos del emperador!”

— “Mueran los salvagens brasileiros!”

Repetição enjoativa das mesmas torpezas de sempre.

Luiz Maria Piquet ia mandar chegar os morrões ás peças, quando Pereira Pinto interveio:

— Commandante, disse elle, as balas que não acertarem naquelle chavéco irão cair em territorio entreriano e pódem nos crear complicações com os argentinos. Não vê que elle só tinha coragem de passar nessas condições? Mande metter carvão nas fornalhas e apanhal-emos mais adeante. Só escapará si fôr parar na Africa...

E sorrio.

A' noite, os commandantes da Jequetinhonha e da Araguaí fôram a bordo da Belmonte. Conversando no tombadilho com Pereira Pinto, á luz vermelha do incendio do Villa Del Salto Ferreirinha lamentou sua pouca sorte:

— Ai! suspirou elle, si eu tivesse tido tempo de fazer calar a gritaria daquelles gringos com alguns dos meus “pistolezazos”, teria aproveitado no couro desses espanhões duma figa até a buxa das peças!...

PARA
“SULTANA”

LAZARO SIEBERT

Perdoar è abrir o peito como a um vaso de ouro

E nelle receber as luzes divinaes;

Perdoar è resumir num gesto esse tesouro:

— A eterna redempção das graças naturaes!

Perdão è o beijo espiritual do anjo terno e louro,

Mensageiro do amor, das benções celestiaes --

Fanal que desvanece as sombras do desdouro —
Sorriso que amenisa os olhos lacrimaes . . .

Jesus mostrou aos seus cruéis, o immaculo vexillo,

O sublime perdão do Pae, firme e resalto!

E o Puro, o Bom, o Santo agonisou tranquillo . . .

Perdoar è enlevar a alma num canto subtil,

E' atravessar a vida sorrindo para o alto,

Onde a luz è mais de ouro e o ceo è mais de anil.

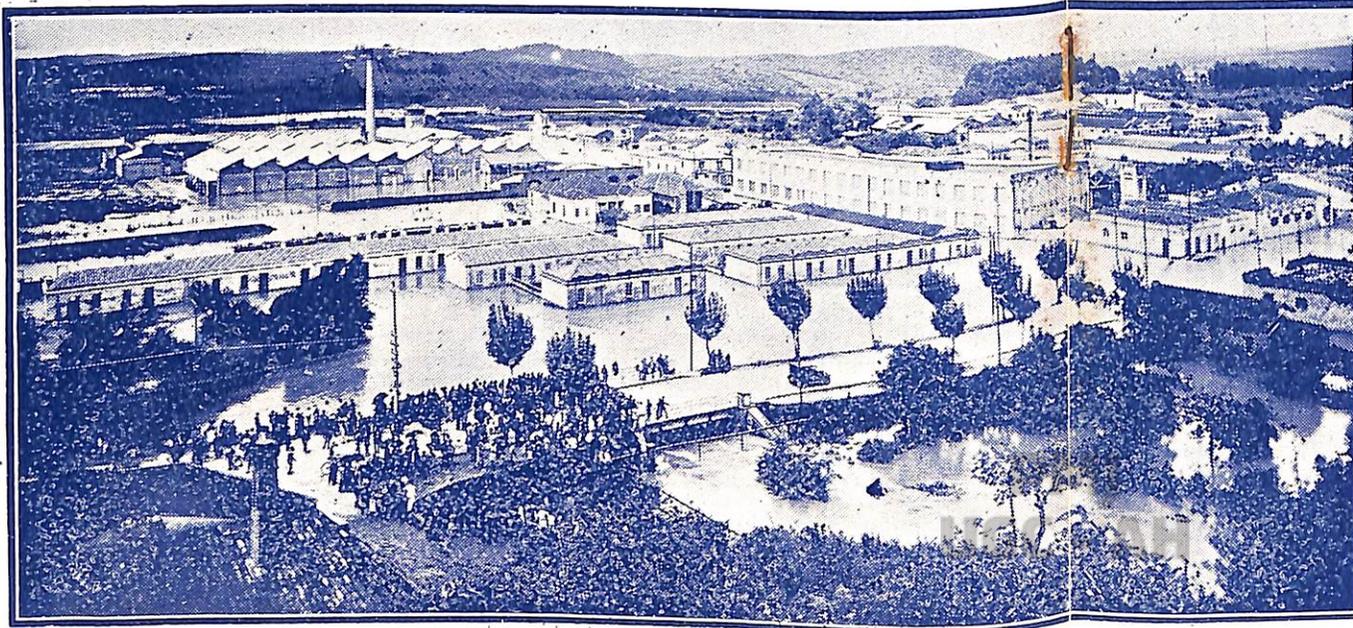
8,2 929



O
P
E
R
D
Ã
O

PMJ
UGC - AH

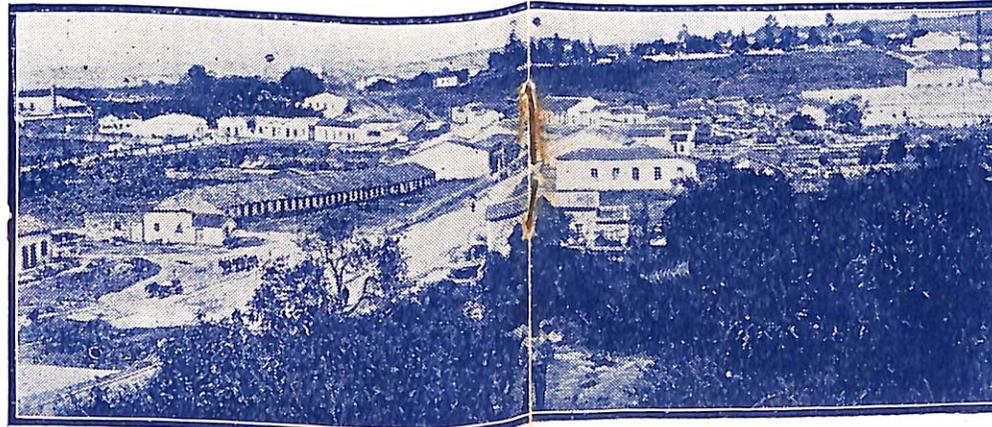
AS ENCHENTES



Photographia apanhada do Morro do Grupo, fixando um aspecto da grande enchente que assolou Jundiahy no anno de 1928.

REMINISCENCIAS

Um aspecto da Villa Arens, de ha vinte annos atraz approximadamente. Por esta photographia podemos avaliar, o quanto desenvolveu o populoso bairro, onde se localisam as nossas mais importantes industrias.



Amelia Rodrigues e Aracy de Lima, duas amiguinhas de coração e constantes leitoras de "Sultana".



Nossa estante

AGLAE - O nosso amigo e collaborador, Revd.º Padre Armando Guerrazzi, teve a gentileza de nos enviar um exemplar desse livro admirável, de auctoria de M. du Campfranc e traduzida pelo offertante para o portuguez. Livro que nos descreve scenas da perseguição contra os christãos, durante o reinado dos Imperadores Deocleciano e Maximiano, resalta nitidas em suas paginas as figuras grandiosas e nobre de seus tres principaes heroes - Aglae, Marcello e Sabina. Tem trechos admiráveis, repassados de muito sentimento, em que o talento fulgurante do trauctor tão bem se afez. Parece que o espirito de quem lê, esta assistindo-as. Taes são por exemplo, os capitulos que descrevem: o espectáculo do Circo; o edio de Oncio; a conversão de Aglae; a fé e resignação de Sabina, etc. O milagre dos leões, operado por Marcello, é simplesmente admirável, assim como admirável é a conversão de Oncio. O estylo claro, conciso e elevado do autor, vive em todas as paginas, tornando a leitura agradável da primeira á ultima folha. A traducção dessa obra, constitue mais uma optima contribuição. para as estantes, onde superabundam os livros de leitura sã e benéfica. Recomendamos a leitura de "Aglae" a todos os que se interessam pelos factos que dizem respeito aos primeiros dias de christianismo.

Gratos pela offerta, felicitamos o nosso illustre conferraneo, pela perfeita e bella escolha da obra traduzida.

"Fiscalisação Federal"

Tal é o titulo de um folheto que nos foi enviado pelo nosso mui presado amigo Dr. Jesuino Vianna, de Mogy-Mirim. Contem esse folheto os relatorios, elaborados pelo autor, sobre as rendas federaes, nas circumscripções que estiveram e estão a seu cargo, como sejam, 1925 e 1926, na 3.a (Sede Jundiahy, e 1928 na 12.o) (Sede Mogy-Mirim), e que foram enviados á Delegacia Fiscal. Desses relatorios resaltam a incontestavel superioridade de Jundiahy sobre todas as demais cidades apontadas. É um trabalho vigoroso no qual o autor, bordando ligeiras considerações, preve o brilhante futuro reservado á nossa terra. Ha nelle confrontos magníficos, que devem ser conhecidos de todos os interessados. O cuidado com que foram colligidos e descriminados os pormenores, pelo auctor denotam o cuidado e dedicação que preside o seu modo de agir no espinhoso cargo que lhe peza e do qual se vem desempenhando com raro tino, tornando-se assim habil, consciencioso e zeloso fiscal das Rendas da União.

Gratos.

O Progresso
É o nome de um organ

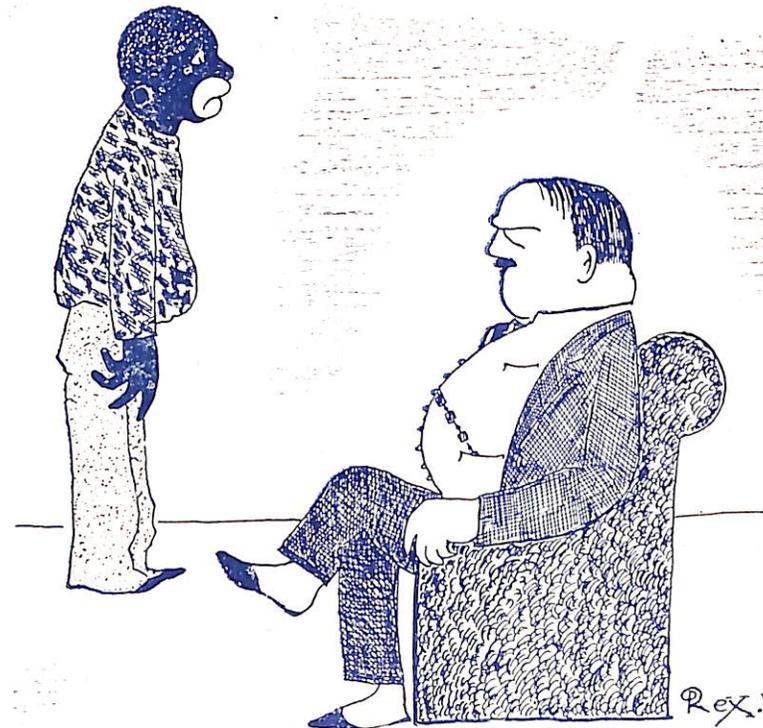
de imprensa que circula na prospera cidade de Araras, sob a direcção e responsabilidade de J Estevam Zurita, e que enceta agora o seu terceiro anno de luctas.

Commemorando essa feliz ephemeride, publicou um numero especial, bem desenvolvi-

do e illustrado. Publica nas suas paginas photographias de seus Directores e collaboradores. Variada collaboração em prosa e verso o tornam interessante e attrahente. Felicitando os seus dirigentes por mais essa etapa vencida, "Sultana" apresenta os seus votos de muita prosperidade.

APÓS O BAILE

Um baile realizado em uma sociedade local, terminou em uma ceia...
Voz do povo



O importante: - Então, Dicto, qual a tua opinião sobre o baile?

Dicto: - Teve ruim. Faltô a "ceia" dos quatro "cardeaes", prá alegrá.

OS QUE SE DIVERTEM



Grupo apanhado após alegre convés-cote realizado nos arredores de Pirapóra.

A hespanhola — E' verdade que as mulheres da Polonia são tão brancas e frias como a neve do seu paiz?

O hespanhol — E' verdade minha senhora. São tão frias que uma vez olhei para uma e quasi apanhei uma pneumonia.

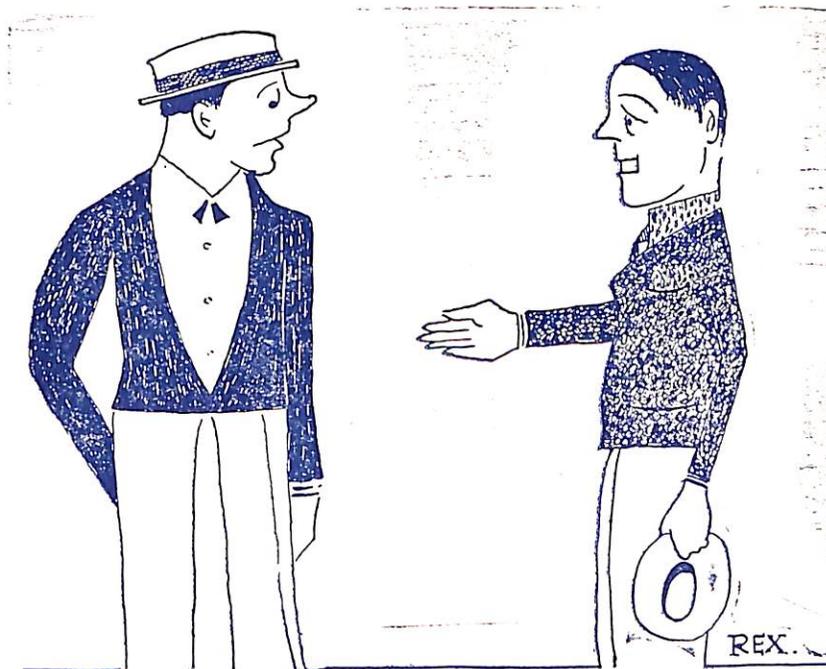
— Ora aqui tem você um problema; veja se o resolve. Um burro estava amarrado com uma córda de trez metros e, á distancia de oito metros, estava um molho de palha. O burro queria chegar a palha. O que fez elle?

— ... meu amigo, não sei Desisto.

— Foi o mesmo que fez o outro burro...

OS "BONS" ASSIGNANTES

Algumas pessoas que tem recebido "Sultana", negam-se a pagar a assignatura.



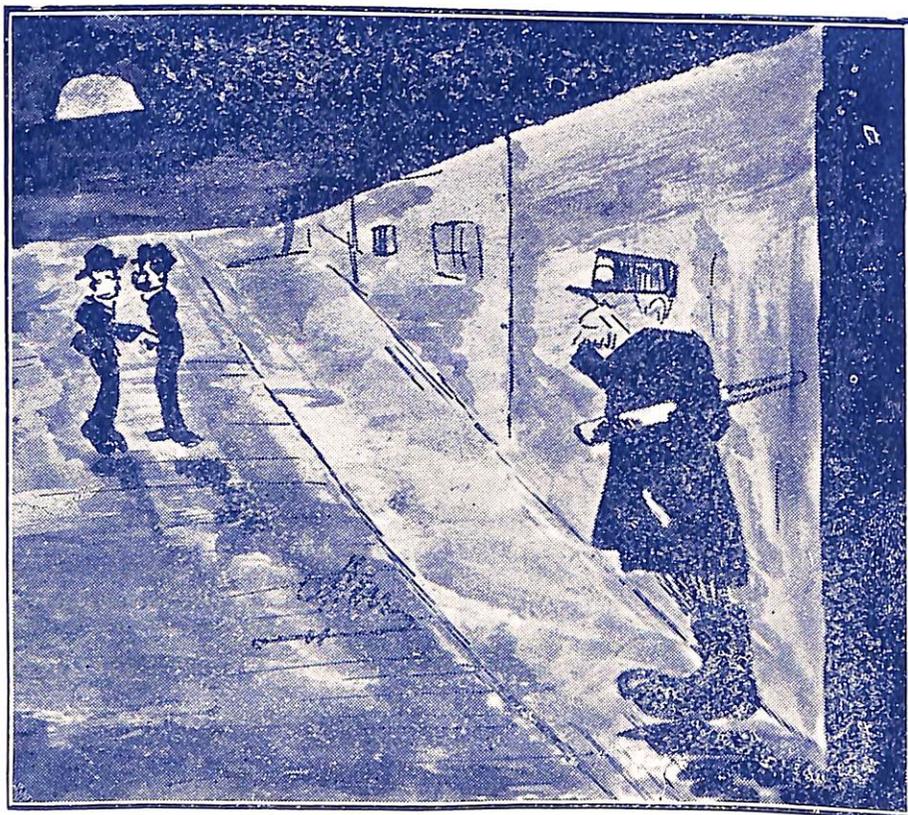
O sem chapeo — Voce já pagou a assignatura da "Sultana"?

O outro : -- Ainda não. Eu bem que li que se não quizesse assignar, devia se devolver. Mas agora, na hora de pagar eu sou... "narfabeto"

GUARDA NOCTURNA

«Os nossos Guarda Nocturnos, com os seus kepis e largos capotes, dão a impressão de que são componentes da G. Nacional».

Voz do povo



— Quem é aquelle soldado ?
Será algum official da Guarda Nacional ou um
invalido da Patria ?
— Pois então não estás vendo que é um Guarda
Nocturno.

Lembrando . . .

Quantos sonhos de amor acalentei
Na aurora divinal da mocidade,
E quantas illusões desperdicei,
Por capricho, por pejo ou por vaidade,

Que falle Phebe as noites que passei,
Beijando labios quentes de anciedade,
Fazendo juras que nem mesmo sei
Si foram juras vãs, ou de amizade ;

E, agora que a Saudade, amargamente,
Faz-me lembrar os sonhos já dispersos
E as illusões que sepultei contente,

Sinto um remorso que me vae matando,
E, inspirado na dôr, eu faço versos,
Para chorar o que perdi cantando.

Avaré

DUILIO GAMBINI

TYPOS POPULARES

III

Tia Custodia, a escrava

(PARA SULTANA)

Apoiada ao seu inseparavel porretinho, fomos encontrar Tia Custodia, na sua casinha, lá no Largo de Santa Cruz, casinha essa que o coração magnanimo de Nhô Abrão construiu e deu para moradia de uma das ultimas sobreviventes dos negros tempos da escravidão.

— Moro aqui, Nhônô, sosinha. Sosinha, não. (Emendou ella a tempo) Cum Deus tamem...

Contou-nos cousas interessantes e triste ao mesmo tempo, daquella epocha em que, "por um nadica" no seu dizer- o soluço do pobre captivo era abafado pela sua voz potente e sonora do chicote implacavel, brandido pela mão do feitor feroz.

Entremeando a sua narrativa, arregaçava os vezes as mangas da blusa e mostrando sulcos profundos no braço, dizia:

— "Veja sinhô, estes riscos que aqui estão, são lem-



branças daquelle tempo; do tempo em que negro não era gente... Apanhei nhônô, muitas vezes de "taca", (nome dado ao açoite destinado exclusivamente ás mulheres) lá na senzala de Monte Serrate e Sant'Anna. Sinhô Barão tinha um feito marvado, que tudo nois tinha odio neile... No meu tempo de moça tamem diverti bastante! Tinho sodade das festas do Divino, Semana Santa, Cayapó e muntas outras. Me lembro quando seu Impe-dô aqui veio. Esse povo p'ra se agradave prelle, mandaro uma comissão preguntá qual era a festa que elle mais gostava. Elle disse que a melhor festa era da Semana Santa. Apresaram logo os preparativos e num abri e fechá de olhos, puzero tudo em orde. Por signá que foi a melhor festa que fizero e ansim naquelle anno nois tivemo que assisti duas Semana Santa. Uma no tempo certo e otra dois ou trez mezes depois! (1)

Nhonhô, não ouviu falar no largo da Forca? Pois era alli mesmo ao lado da Igreja. Me lembro que o primeiro que extreou foi um preto de nome Cremente. Foi injustamente por causa de um tal Gonçalo, que era munto puchadô de Sinhô. O caso foi ansim: Sinhô tinha uma negrinha do porte já de casá e um bello dia ella pareceu em vesp'ra de se mãe. Sinhô ficou brabo e quiz saber quem foi o autô. Nois tudo sabia que tinha sido o Gonçalo, mais tanto elle feiz, que ponhou a culpa no pobre do Cremente, que ansim pagou o pato. A negrada tuda assistiu a execução; isso elles fizeram p'ra exemplar nois.

Quando chegou, Nhonhô, o treze de Maio, num è bão alembrá. Debaixo daquellas duas arves alli no Largo de Santa Cruz, nois sambemo treis dia sem pará e mais sambava se não fosse a pulicia mandá pará.

Me alembro tamem da Guerra do Lopes e vi munto mocinho bunito sê pegado a laço e i escortado p'ro Paraguaia.

Ih! Nhonhô! Isto aqui no tempo de dante era matto virge. Munto parmito tirei p'ra Sinhô no arto do Anhangabahú, atraiz da Santa Cruz do Torresmo...

— Atraz da Santa Cruz do Torresmo?...

— Pois Nhonhô num sabe donde é? Santa Cruz do Torresmo ficava lá na Villa Arens, naquelle logar onde tá hoje aquella bunita Igreja...

— Sabe porque deram esse nome?

— Um tio velho tava armoçando atraiz da capella muito socegado, cumeno virado de feijão, cum torresmo, quando passou por lá um marvado, que p'ra podê robá os torresmo, matô elle c'uma foçada do arto do pioio, que foi só melado que correu!"

Cansada ella se recolheu e nós tomámos o caminho da cidade satisfeitos com o que ouvimos da bocca da boa e querida preta.

ARO

(1) Facto historico.

COBRANÇA

Pedimos aos nossos presos assignantes o melhor acolhimento ao Snr. Julio de Barros, que está procedendo a cobrança do nosso mensario. Esperamos que em todas as portas onde o Julio chegar, seja elle bem recebido e attendido, contribuindo os senhores assignantes, com a molla principal que faz com que as iniciativas como a nossa não morram - os "cobres."

Outrosim, pedimos tambem aos nossos assignantes de fóra a gentileza de nos enviarem a importancia das assignaturas. Essa remessa poderá ser feita em vale postal, registado com valor ou cheque bancario.

Feitos de vilão: atirar a pedra e esconder as mãos.



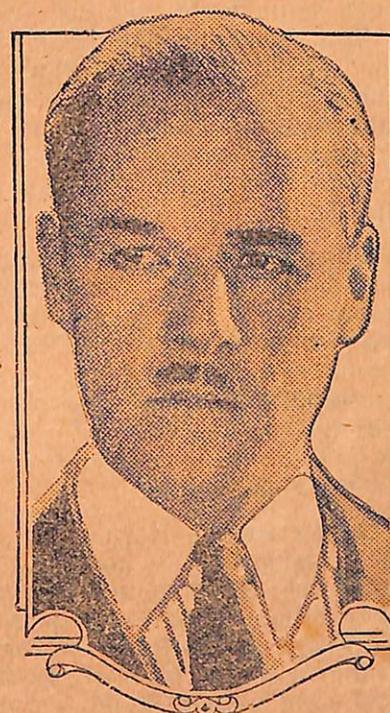
Raul Osuna Delgado

O fulgurante poeta avarense, que empresta ás nossas paginas o brilho de sua inspirada penna, em versos harmoniosos, e em estilhas de luz, onde se reflecte o seu genio creador.

Telas & Fitas

"A mulher do veo", é o nome do film em que apparece pela primeira vez, a artista brasileira, Lia Torá. A producção é da casa Fox e foi dirigida por Emmett Flynn. O argumento foi escripto pelo Visconde Julio de Moraes, esposo de Lia, com a ajuda do snr. Douglas Z. Doty. Coadjuva Lia neste film, o actor Paul Vicent, e é justo dizer que o seu trabalho se destaca admiravelmente nesta obra. Lia Torá dá a impressão de lhe faltar experiencia, porem, com sua belleza e atracção, é natural que ha de alcançar um exito merecido. O entrelcho do film é um tanto fraco, mas é indubitavel que com ajuda de melhores argumentos e uma direcção mais energica, Lia Torá se desenvolverá em uma artista de primeira grandeza.

Harry Langdon, o genial comico de cara triste e olhos saltados, acaba de soffrer uma decepção que provavelmente lhe custará uns tantos dollares. Harry estava actuando em variedades, ganhando 6000 dollares semanaes e cancelou este contracto para actuar em cintas da Pathé, com um augmento de soldo. Porem, não contou com o azar. Ao chegar a Hollywood soube que o atelier estava fechado até 1.º de Abril. Harry, está muito desgostoso com o acontecido.



Jack Holt in
Paramount Pictures

Theodore Roberts, o veterano do cinema, mais querido em Hollywood, acaba de morrer. Actor, com mais de quarenta e cinco annos de experiencia nas taboas do cinema, succumbio depois de quatro

annos de continuo soffrimento. Faz pouco que appareceu em uma pellicula, notando-se então os estragos que a enfermidade estava occasionando ao seu rosto, antes tão expressivo e tão cheio de bom humor.

Lily Damyta, estrella parisiense, acaba de filmar um contracto com o productor Samuel Goldwyn que por ser o primeiro com uma clausula semelhante, merece menção. Sob as condições desse contracto, Lily se compromette a saber fallar inglez perfeitamente, sem sotaque estrangeiro, no espaço de seis mezes. Se chegar a fazer isso será uma coisa extraordinaria e lhe servirá de boa propaganda.

Depois de se haver annunciado que John Gilbert havia firmado contracto com a United Artists, acaba de se publicar a noticia de que John está com a Metro. A noticia agrada por certo seus admiradores que gostam de vel-o actuar ao lado de Greta Garbo, a amante infiel do cinema.

Os extras de Hollywood estão de parabens, pois ao que se assegura na proxima pellicula de Emil Jannings, empregar-se-ão centenas de pessoas de todos os typos e de ambos sexos, velhos e jovens.

Pequenas Noticias

Ramon Novarro, cantará nas pelliculas faladas, em que posar d'oravante.

Barry Norton, é um bom moço, dentro e fóra do cinema. Tem vinte annos, é solteiro não tem noiva.

Jackie Coogan, nasceu em 26 de Outubro de 1914, tendo pois 14 annos. Não trabalha mais no cinema, porque é muito grande para papeis de creança e muito pequeno para papeis de homem.

Ronald Colman, tem 27 annos, é casado e separado de sua esposa Thelma Raye, que vive na Inglaterra.

John Gilbert, nasceu em 10 de Julho de 1897. Está divorciado de Leatrice Joyce.

A ultima pellicula de Rodolpho Valentino foi « O Filho do Sheik ».

Douglas Fairbanks, está filmando « Mascara de Ferro ».

Antonio Moreno, tem 38 annos e é casado com uma senhora da sociedade de Los Angeles, cujo nome é Daisy Danziger.

A mãe de Douglas Junior, se oppoz a que elle casasse com Joan Crawford.

FITEIRO

SEGREDOS . . .

— Carlota disse-me que voce lhe disse o segredo, que eu pedi a voce que não lhe dissesse.

— Eu pedi-lhe que não dissesse a você que eu lh'o tinha dito.

— Bem; mas tambem eu disse-lhe que não lhe ia dizer nada do que ella me disse, e por isso não lhe vá dizer nada.

— O homem amavel é aquelle que escuta com interesse as coisas que elle sabe, da bocca daquelle que as ignora.

Casa de Modas

Fazendas, Modas e Armarinhos. Chapéos para senhoras e Creanças.

Madame Maria Carletti

Rua Barão, 80-JUNDIAHY-Telephone, 297

Flôr de Lôdo

A estrella luzente que se desprende da orbita celeste e que se projecta aos immundos charcos escuros, perde a faiscação deslumbrante e se envolve esquecida, na lama pardacenta de esquecidos paúcs. A tragedia se consumou nos mysterios da noite.

Quando a aurora desperta accordando a natureza adormecida nasce a flôr mysteriosa do sonho, com destino bem differente de outras flores suas irmãs. Essa não foi mais que uma flôr de petalas rubras, flôr de sangue e de peccado. Resvalou na senda tortuosa da vida e cahiu da haste que a sustinha.

Identificou-se á poeira dou-

rada das ruas, pisaram-na. Quiz erguer-se e não poudes; quiz contemplar a luz deslumbrante do sól nos ceos infinitos, impossivel; as suas petalas já estavam crestadas.

Na via-cruis intermina continuou, como um astro errante e sem pouso, vendendo a caricia dos seus beijos e o perfume do seu corpo. Um dia veio em que alguém enlouquecido pelo mysterio dos seus olhos tristes tomou-a sob a sua protecção.

Resurgimento fatal dessa misera flôr de lôdo.

Da vida em commum expandiu-se o amor, do amor nasceu o ciume e do ciume nasceu a tragedia.

Manhã esplendida de sól. O orvalho scintilla como perolas nas

coróllas das flôres que se abrem. Os passaros gorgeiam ternamente nos ramos. E' a natureza festiva que desperta para a vida. Quebrando a monotonia das cousas, um estampido fêre os ares e um corpo já sem vida cae em uma poça de sangue.

E no carcere humido o homem expia a sua grande culpa. O tempo passa. Julgam-no. A derimentede perturbação de sentidos no momento ocasional vem em seu auxilio e as portas do presídio rangem pesadamente em seus gonzos dando-lhe liberdade e luz.

E, soluçando, lá se vae o homem restituído ao convívio dos seus. Um pensamento fixo o absorve. Demanda ao campo santo onde em uma cova rasa dorme o derradeiro somno o objecto do seu grande amor e do seu crime. Lágrimas descem-lhe pelas faces. E' o arrependimento tardio.

Quando pelas tardes de primavera às casuarinas balouçarem soluçantes, ouvirás o murmúrio de vozes mysteriosas pronunciarem :

Infeliz flôr de lôdo!

Descança em paz.

Itatiba, Fevereiro de 29.

ARRUDA CAMARGO

O COLLARINHO

(conto)

Ao grande poeta e amigo, Dr. Ferraz

Nhô Innocencio era uma bella alma. Adorava sua familia, composta de Nhá Nica, sua mulher, e de dois espertos meninos, hoje já

moços feitos. Essa bondosa familia morava no "Engenho de Dentro", pequena propriedade agricola que Nhô Innocencio herdára de seus paes. Não havia quem passasse em frente á sua hospitaleira casa que não apeasse para saborear gostoso moka. Alem de muito hospitaleira, a familia de Nhô Innocencio, era essencialmente caridosa.

Nas colheitas dos cereaes, era sempre posta de lado, percentagem regular para ser distribuida á pobreza da villa. E assim em aquelle recanto êrmo, ao sopé de magestosa serra, Nhô Innocencio, via de anno para anno sua fortuna multiplicar-se. Mais alguns annos de honrado trabalho, e elle, já rico, muda se para a Villa, deixando o Tónico e o Bastão — já casados — á administrarem suas propriedades, bastante augmentadas. Tinha um defeito o bom do velho: creára verdadeira ogerisa pelo collarinho, chegando mesmo a lhe attribuir seus azares. Queriam vel-o zangado? Era só esperar o dia, em que, a negócios, era obrigado a apparecer na Villa. Sempre dizia, resmungando e indireitando o collarinho reluzente, de celluloides: "Esta prága ha de ser sempre a minha desgraça".

Caboclo intelligente e intrépido, Nhô Innocencio, chegára de mudança, justamente no dia em que, no villarejo, mais accezas iam as luctas politicas. Logo se inteirára da situação e não titubeára em adherir ás hostes do Coronel Pafuncio, seu grande amigo.

E tal paixão creára pela politica que já não mais visitava, como de costume, suas lavouras. Alliado á sua paixão partidaria,

Clotilde Copelli de Miranda

Cirurgiã-Dentista

Clinica para senhoras e creanças. (Operações sem dor).

Trabalhos garantidos e rapidos.

Consultorio : RUA RANGEL PESTANA, 70

lá estava o ouro á sua disposição. E um dia, ó lembrança funebre, Nhô Innocencio compra uma typographia e monta um jornal.

Dias depois o "Intrepido", lampeiro, circulava pela cidade, em defesa da causa do Coronel Pafuncio. Foi um delirio!

O nosso heroe, entusiasmado pelo successo, começa a escrever artigos contra a politica dos seus adversarios.

Foi a conta.

Os Pires, da facção contraria, é que não gostaram da brincadeira.

E, reunidos, foram esperar Nhô Innocencio no jardim publico, para a desfórta.

Sahiu um surúrú dos diabos.

Era só peroba que beijava a caréca reluzente de Nhô Innocencio!

Os seus ricos oculos jaziam espatifados pelo chão!

E no ardor da refréga, ainda não contentes, os Pires, arrancam do jornalista improvisado, o collarinho, e jogam-no bem no meio do jardim, e só o abandonam depois de muito sapatearem.

Horas depois, em casa, Nhô Innocencio, bradava furioso:

"Maldito collarinho!"

Tinha razão, o bom do velho, em ter birra pelo collarinho.

ARO

Conversa fiada ao pé de... surdos.

(Ensaíos futuristas)

— Para a Sultana —

— Bôa tárde! nhô Quim.

— Não tô munto bão; amañeci meio indisposto hoje, nho Juvencio.

— Mais eu acho que num chove.

— E'! tá caro memo cumpadre, puis tão vendeno a dois miréis a duzia! Mecê já viu qui disparate?

— Não diga!? intão a cumadre deu a luiz?

— Não; não foi o Luiz, foi aquelle marvado intaliano sem vergonha lá do mercado. Quagi qui dei n'elle de réiva!

— Mais mecê tà maluco! A as treva já passáro qui tempão! Inté a Somana Santa ôtra vez, tem tempo!?

— Ahn! a espinheira santa?

Aquillo é remedião; feiz munto porveito pras enxaqueca de nhã Nica.

— Até isso encareceu cumpadre que levou as bréca, e não ái. No mercado só achei banãna mançã e São Thomé!

— Quá! tenho batido o matto intêro e só acho mé de pau!...

— O que que mecê tá dizeno? Morreu? puiz eu não sabia, ara veja!?...

— Num bebo cerveja cumpadre, faiz tempão! Me dá colica. Agardecido!...

— Num ái meio de collocá elle na fabrica; tô lidano faiz tempão!

— No dedão? tamem quem manda mecê andá carçado; faça qui nem eu, ande descarço que não ái pirigo. Num incha!...

— Já exprementei tudo quanto é chá, num deanta nada. Agôra tô tomano camomilina.

— E pur fallá em Camilinho como vai elle co'as suas róça?

— Tchê cumpadre, já foi nosso tempo; trôça num é mais prá nois!...

— Puis nem castanha eu porvei que dirá nois!!

— Eta cumpadre burro num é isso qui tô fallano...

— Ara, cumpadre, puis temo bem aqui, pra que é que nós havemo de hi no meio desse povaréo. Bamo cunversá mais!...

Tá tão bão a prosa!!...

— Larguei tamem de pitá cumpadre!...

— Puis o marvado me deu uma bruta penitência que arei prá cumpri co'ella!

— A Gabriélla? Puis mecê nao sôbe que ella fugiu co sem vergonha do Juvená?

— Málemá eu inxergo como

é que mecê inda qué que eu leia jorná? De mais a mais eu num sô pulitico!!...

— Cuitada da cumpadre Chica, tá paralitica? Palavra que hoje mêmo vô visitá ella!!...

— Bem mostra que mecê é cégo!?... Puis quem tá na ginel-la é o Coroné, num ái mais niuguem!?...

— No fim do meiz é isso mêmo cumpadre; tá tudo sem denhêro!!...

— Ih! já faiz mais di corenta anno que num atiro perdiz!!

— O que mecê disse?

— Peorô pruke os açoguêro dizem qui é de porco e vai se vê é de vacca!?...

— Cum faça ainda? Deus premita que esse marvado nunca mais sahia da correção!

— Credo in cruiz que barbaridade!?... ..

— De que é que mecê tá tão assustado e tremeno cumpadre!?... ..

O que cunteceu?!...

— Mecê tá bobo hoje, onde já se viu preguntá si anoiteceu?

Num vê que é meio dia?!...

— Tô discutiado que teje lôco já me mordeu tamem nas pérna!...

— Isto é uma prága quando dá no gado!...

Tudo morre ou aniquilla!...

— Mais cumpadre, já lhe disse prá mecê que num tenho nenhum vintem, que dirá nique!

— inté lôgo!

— Tá bão dêxe!

MARY NETTI

— Desculpa se não acceito teu convite, mas jurei abandonar por completo as bebidas...

— Por que?

— Porque um homem que bebe não sabe o que faz. No outro dia embriaguei me e paguei a todos os meus credores.

Salão Americano de RAPHAEL UNGARO

Rua do Rosario, 65 - - Telephone, 261

O proprietario, contando com officiaes peritos, faz sciente que está apto para servir o mais exigente freguez.

Serviço feito com hygiene e perfeição. Attende á domicilio. Grande sortimento de perfumarias finas.

Annexo, com entrada indepedente, um bem montado gabinete para senhoras, obedecendo aos seguintes preços.

Dias de semana	2\$000
Sabbado	3\$000

Meu Espirito

"L'esprit est insensible á tout ce qui n'est pas le bonheur. Il n'est fait qui pour la joie infinie qui est la joie de connaitre et de comprendre."

M. Maeterlinck (La mort).

Quanto mais procuro estudar meu espirito, menos o comprehendo. Não só porque cada vez mais elle se mostra differente, apresentando novas facetas de seu prysma de mysterios. Cada nova faceta que surge, é uma difficuldade a mais a ser vencida e dessa lucta por mais que porfie, serei sempre um vencido. Na grande variedade de aspectos com se apresenta meu espirito, eu me perco, procurando cada vez mais me aprofundar em

CONFEITARIA SERENO

Bebidas finas, Licores, Aperitivos, Vinhos, Aguas Mineraes e refrescos. Docês, fructas, Chocolates, charutos e cigarros.

Antonio Sereno

Rua Barão de Jundiaby, 118

Largo da Matriz

JUNDIAHY

seu estudo. E hoje eu me encontro num verdadeiro labyrinth de entranchados liames do qual me sinto sem forças para escapar.

Hoje, por exemplo, meu espirito está dominado por profunda do se de sentimentalismo. Mas hontem no mais incoherente dos contrastes, elle era completamente insensivel.

Insensivel á dor, ao affecto, ao soffrimento. Olhava para a vida com os olhos materiaes, não vendo em nada, alma ou sentimento. Meu coração fechado, vivia sem sentir a vida.

Mas, hoje, que profundo contraste! O coração parece palpitar com mais vivacidade, n'uma de monstração viva de energia.

Acho na vida mais encantos e no viver mais alegria.

Mas... oh! supremo contraste... suprema incoherencia, neste meu

desejo louco de hoje reside um pouco de temor... o temor do dia de amanhã, quando, como andorinhas emigratorias, o meu sentimentalismo de hoje voltar a ser o que foi hontem - materialismo brutal de um espirito insensivel.

Não. Não devo amar. Meu espirito incomprehensivel não é affeito para o amor, porque o amor deve ser perenne, immorredouro e eu não sei sei se o alimentarei.

E por isso que eu me sinto incapaz de estudar, de comprehender o meu proprio espirito. Elle é tão cheio de mysterios! Tem tantos aspectos diferentes! E se eu continuar a procurar estudal-o, não me apresentará elle novas difficuldades? É possível. Não, não devo mais estudar os aspectos seus, pois, que então amanhã eu me sentirei perdido definitivamente nas intrincadas tranças que o destino ou o meu eu trançar. Fico, assim como estou. Vivendo como tenho vivido.

Sentimental hoje, endurecido amanhã e materialista depois, irei aos poucos atravessando a vida, esta vida de grandes e perfeitos contrastes, esta vida onde a incoherencia vive de mãos dadas a intolerancia.

Fica pois, espirito meu, atirado contigo proprio, nesse teu mysterio, até que a morte, a grande decifrador de enigmas te defina e... num egoismo atroz... guarde consigo propria a tua significação.

Eu jamais procurarei penetrar no teu mysterio!...

Alvaro Tristonho

— Ouve, papae. Por que é salgada a agua do mar? Porque dentro della ha bacalhau.

Casa da Sorte

Consentino & Pellicciari

(Os reis da felicidade)

Rua do Rosario, 79

JUNDIAHY

ESTADO DE S. PAULO



A PREDILECTA

FILIAL:

Rua Barão de Jundiahy, 64

Phone, 97



As casas que mais sortes
teem vendidos em Jundiahy.
São sem conta os felizardos
enriquecidos por ellas.
Procurem estas casas e
não se arrependerão.



A INSTALADORA

Rua do Rosario, 63 — Telephone, 368
(Praça Independencia)

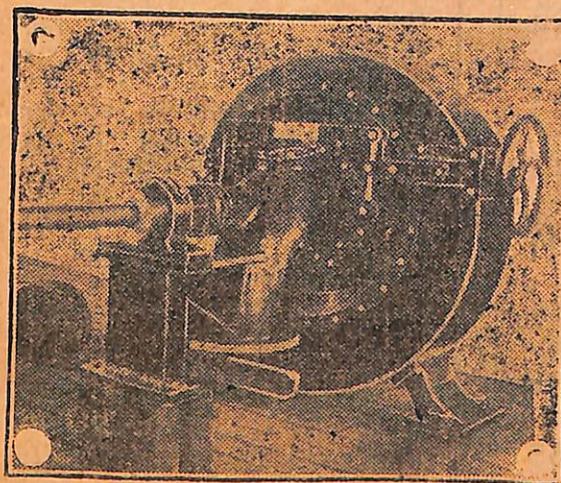
• • •

Motores, transformadores, lustres, plafonieres, oleo para qualquer especie de machina. Grandes exposições permanentes de artigos de luxo e phantasia. Dispondo de habéis engenheiros electricistas, encarrega-se de installações de luz e força, fazendo levantamentos de plantas e orçamentos. Lampadas de todos os typos e todas as potencias.

Artigos de electricidade em geral.

ANNUNCIOS luminosos, para todos os preços

A ELECTRO-METALLICA



Fabrica de turbinas
hydraulicas.

Postes de ferro para
linhas. Tubos de ferro
batido.

J. KLOVRSÁ

Engenheiro

R. Barão de Jundiahy, 1

Telephone, 1-5-3

JUNDIAHY

E. de São Paulo

UM TONICO SCIENTIFICAMENTE COMPOSTO

N-E-R-V-O-L

O «az» dos fortificantes!
Dá força aos musculos e aos nervos!

Unicos depositarios:
DROGARIA BRASIL
J. Pires & Cia.

Rua Onze de Agosto, 25 S. Paulo
Telegrammas: "Farmacus,, Caixa postal, 1048

CASA DE ENCANAMENTOS

ARTIGOS SANITARIOS

Cyriaco Vidilli

Rua Barão de Jundiahy, 55

CASA OLIVEIRA

Fundada em 1895

Completo sortimento de fer-
ragens, Louças e tintas, Ci-
mento, Arame farpado, Telhas
de zinco, Formicida superior
e Sementes — Artigos de ele-
tricidade em geral.

SECCOS E MOLHADOS

Vidros para Vidraças
Saques sobre Portugal, Hes-
panha e Italia a cargo do
Banco do Minho.

A. J. OLIVEIRA

RUA B. JUNDIAHY, 108
Telephone, 89 — JUNDIAHY

CORREIO DE "SULTANA"

F. Pessolano — Campo Limpo — Infelizmente sua collaboração chegou atrazada. Mas nada perderá por esperar. No proximo numero sem falta. Já nos desencarregámos de seu pedido. O seu recado foi dado. E quando quiser appareça.

Aro — Nesta — Você não calcula a tempestade que se está formando sobre sua cabeça. Na redacção ha uma carta para voce. Carta aberta. Prepare as costas e venha, pois é pancadaria grossa. Veja a resposta abaixo dada a Dioguinho.

Dioguinho — Nesta — Sua carta não pode ser publicada por duas razões principaes. 1.º — assumpto é pessoal; 2.º — "Sultana" não é jornal da roça. Custa-nos crer que tenho sido V. S. o autor de tal carta. Onde aprendeu aquella linguagem? E porque atacar assim tão injustamente o nosso collaborador? Vamos entregar a sua carta ao collaborador em apreço, mas por dever de profissão reservamos para nós a sua verdadeira identidade. Será pois V. S. um anonymo para o attingido. E desculpe-nos atural o!

Mary Netti — Nesta — Recebemos. Muito obrigado. Appareça e não nos tema. Jamais quebraremos a linha do sigillo que a vida de imprensa nos impõe. Gostamos do seu genero. Sabe que mais? nós seremos discretos — a senhorita ficará sendo "a mulher que ninguem não viu". Até o proximo numero.

Raul O. Delgado — Avaré — Recebemos e já respondemos directamente suas ultimas missivas. Faremos a remessa de "Sultana" aos assignantas que angariou ahi. Mandaremos o numero de Dezembro tambem. E nada nos diz sobre seu estado? Esperamos que já esteja completamente restabelecido. Muito obrigado pelo interesse que tem demonstrado por "Sultana".

Duilio Gambini — Avaré — Recebemos seus trabalhos e no presente numero publicamos um. Os outros opportunamente. Recebeu nossa ultima carta? Assim que se nos deparar a oportunidade a visita será feita. Graças.

A. Pessolano — Nesta — Recebemos seu desenho. Está bom. Continue que será sempre bem recebido. Auctorisa-nos a trocar aquella legenda, por outra que se refira á cidade e de bastante oportunidade? Esperamos sua resposta a respeito. Appareça.

Perola Pallida — Nesta — Vossa ultima missiva é um verdadeiro mimo. Não sabemos como retribuir tanta gentileza. Como de costume, ahi vae o seu "Postal". Disponha V. Excia. de nós com a maxima franqueza. Tão pouco, por tanto, heim? Mas o que vale é a sinceridade e V. Excia. sabe bem que nós o somos.

Alli Babá — Nesta — Por onde anda o amigo que não quiz apparecer este mez? Estará zangado conosco? Não cremos. Esperamos que para o proximo numero possamos contar com o seu soneto "photographico".

Tenente Misterioso — Nesta — Sua collaboração está publicavel, mas encontramos um trecho um tanto confuso. E' no final da primeira tira. Talvez ao dactilographar a segunda tira, distrhiu-se e esqueceu de citar algum esclarecimento. Appareça em nossa redacção ou procure o nosso Director, para esclarecer o citado trecho. Continue.

Sarita — Nesta — Suas criticas foram dormir o somno eterno. A cesta recebeu-as com a maior satisfação. A senhorita sabe bem que não publicamos criticas ferinas. Até a vista.

Major — Nesta — Entre para uma escola nocturna e depois que souber ler, leia o que escrevemos na pagina numero onze, do primeiro numero de "Sultana". Não temos culpa que V. S. seja analfabeto. E assim só nos resta dizer — «Perdoae-lhe senhor, pois elle não sabe o que faz».

Archibaldo Cordeiro — São Paulo — O presado collega seja bemvindo a esta casa. Custou mas appareceu. Publicaremos a sua collaboração no proximo numero. Chegou atrazada. Sabe bem o que é jornalismo e por certo desculpará esta falta. A falta de espaço... é um caso... Veja se anima o Marinho a mandar qualquer cousa. Elle que deixe de ser vadio. Veremo-nos na proxima semana ahi em São Paulo. Até a vista.

JOÃO DO ORIENTE

PMJ
UGC - AH